



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO, AMOR E CUIDADO: BASES À FORMAÇÃO INTEGRAL DAS
INFÂNCIAS**

RAYSSA VITÓRIA SANTOS CERQUEIRA

Brasília – DF
2018

Rayssa Vitória Santos Cerqueira

**EDUCAÇÃO, AMOR E CUIDADO: BASES À FORMAÇÃO INTEGRAL DAS
INFÂNCIAS**

Trabalho de final de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, à Comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues

Brasília – DF

2018

CERQUEIRA, Rayssa Vitória Santos

Ensaio: Educação, Amor e Cuidado: Bases à Formação Integral das Infâncias. Rayssa Vitória Santos Cerqueira. Brasília: UnB. 2018. p.49

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, 2018. Rayssa Vitória Santos Cerqueira

EDUCAÇÃO, AMOR E CUIDADO: BASES À FORMAÇÃO INTEGRAL DAS INFÂNCIAS

Trabalho de final de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, à Comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Defendida e aprovada em 23 de Agosto de 2018.

Prof.^a Dr.^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Maria Alexandra Militão Rodrigues
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

GRATIDÃO

Hare Krishna!

Gratidão ao Criador de Tudo que É, pura energia de Amor Incondicional, por toda a Vida que pulsa. Gratidão ao Universo e à Mãe Divina, que me acalenta e me aquece. Gratidão à Mãe Terra pela nutrição e por me abrigar em teu corpo. Gratidão a todos os Seres de Luz, Paz e Amor que me garantem, guiam, amparam e protegem na caminhada terrena e a todas as linhagens espiritualistas que se dedicam ao Bem e ao Amor. Gratidão a toda espiritualidade, aos meus anjos de guarda, guias, mestres. Arcanjo Miguel, Pai Ogum, Mamães Oxum e Iemanjá e toda a linhagem da umbanda, Saravá! Gratidão amado Mestre Saint Germain, por me guiar nos passos da transmutação e me mostrar que o maior poder transmutador e libertador é o poder do Amor. Gratidão à minha família de Alma e minha família Estelar. Reconheço e reverencio vocês em mim.

Gratidão a toda minha ancestralidade, por me permitirem estar aqui hoje, onde estou. Gratidão à minha família terrena. Eu agradeço por todos os aprendizados que juntos vamos compreendendo e assimilando. Agradeço pela oportunidade de cura. Gratidão à minha vó Ernestina, por toda sua dedicação e empenho na minha educação e na minha formação. Seu Amor é fortalecedor.

Gratidão aos meus irmãos de coração e de alma por todo fortalecimento, trocas, crescimento, amor, partilhas, cura. Com vocês aprendi e aprendo que ‘a amizade é a flor do querer bem’, e pude compreender que jamais estou sozinha. Compartilhar a estrada com vocês a partir da conexão do coração é uma das grandes alegrias da minha vida, um grande merecimento. Não cito nomes porque são muitos, e vocês sabem quem são. Gratidão, amada Fraternidade Flor da Terra, onde a Vida realmente começou a fazer Sentido.

Gratidão ao meu amor Leonardo Codignoli, minha alma gêmea. Reverencio a divindade em ti e agradeço por nossos corações terem se reconhecido entre tantos outros e estarmos nutrindo um outro coração entre nós, nosso bem Amado Mikhael Prem, minha grande e maior bênção na Vida. Amo vocês e nossa família.

Gratidão a minha amada orientadora Fátima Vidal por nossa conexão e pela tua confiança e abertura para o que sinto de compartilhar com o mundo. Gratidão por você se permitir Ser Mais, por fazer a diferença a partir da amorosidade e acolhimento do seu Coração. Te reconheço enquanto uma amiga, e sou profundamente grata por isso.

Gratidão à toda comunidade da Faculdade de Educação. Servidores, professores, alunos. Gratidão, Universidade de Brasília, por todas experiências enriquecedoras, por todas as vivências e oportunidades. Amo seus ares, cores, sorrisos! Que essa educação pública, gratuita e de qualidade possa chegar a todos, sem temer!

Gratidão amado Mestre Paulo Ramos Coelho Filho, Sri Prem Baba, Mestre Buddha, Paramahansa Yoganandaji, Vianna Stibal. A caminhada é mais tranquila e clara com vocês por perto. Gratidão à Vida e à Tudo que É. Hari Om!

“O amor é a semente e ao mesmo tempo o fruto maduro da árvore da consciência. Ele é a própria seiva da vida, é a nossa essência. Assim como o perfume da rosa é inseparável da rosa, o amor é inseparável do ser. Quando amamos de verdade, estamos exalando a fragrância do ser. Assim como o propósito do Sol é iluminar e aquecer, o propósito do ser humano é amar. Por isto eu sempre digo que tudo se resume ao amor.”

(Sri Prem Baba)

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de compreender qual a importância e contribuição do Amor e do Cuidado na construção do fazer educacional e como o Amor e o Cuidado possibilitam as bases para uma educação potencializadora do Ser integral em todas as suas dimensões. A partir das vivências do dia a dia da autora, reflete também sobre um novo olhar acerca das infâncias, o qual seja mais amoroso, cuidadoso e sensível, colocando as crianças como centro do fazer educacional. Foi desenvolvido com um olhar mais qualitativo através de observação participante e Diários de Campo, construídos a partir das práticas em espaços escolares e não escolares e também com as vivências, enquanto mãe de Mikhael. Os conceitos norteadores foram alicerçados em teóricos como Sri Prem Baba (2015, 2016), Humberto Maturana (1998, 1999), Rudolf Lanz (1979), Leonardo Boff (2008) e Paulo Freire (1996). Nesse nosso tempo de crise civilizatória, a Educação – seja ela escolar ou não escolar – se configura enquanto uma Esperança. Apenas através da reEducação de Si e da reconexão Consigo podemos despertar para novas possibilidades de existência na Terra e com a Terra. Urge pensarmos e fazermos uma nova Educação, uma Educação que integre razão e emoção, que permita-nos uma reconexão com nossa Essência e assim nos possibilite desenvolvermo-nos com Plenitude. Uma Educação que nos ensine a fazer, mas que também nos possibilite Sentir e Ser, através do aprendizado que é a vivência com o Outro, para assim, desenvolvermo-nos em Sabedoria. Urge pensarmos na importância do Amor e do Cuidado de Si e do Outro.

Palavras-chave: Educação. Amor. Cuidado. Infâncias.

ABSTRACT

The current assignment has the purpose to perceive what is the matter and contribution of Love and Care in the construction of the Educational making and how Love and Care enable the principle to a empowering education of the integral Being in all of its dimensions. Starting at the author's day to day experiences, it reflects a new perception about childhoods, which is more loving, careful and sensitive, placing children at the center of the educational making. It was developed with a more qualitative look through participant observation and field journals, built from the practices in school and non-school spaces and also with the experiences, as mother of Mikhael. The guiding concepts were grounded in such theorists as Sri Prem Baba (2015, 2016), Humberto Maturana (1998, 1999), Rudolf Lanz (1979), Leonardo Boff (2008) e Paulo Freire (1996). In this time of civilization crisis, Education - be it school or non-school - is configured as a Hope. Only through self-reeducation and reconnection can we awaken to new possibilities of existence on Earth and with the Earth. It is urgent to think and to make a new Education, an Education that integrates reason and emotion, which allows us a reconnection with our Essence and thus develop ourselves with Fullness. An Education that teaches how to do, but also allow us the possibilities of Feeling and Being, through the learning that is the experience with the Other, to thereby develop ourselves in Wisdom.

Keywords: Education. Love. Care. Childhood.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
PARTE 1. MEMORIAL	12
PARTE 2. ENSAIO	22
INTRODUÇÃO	22
1 - DO AMOR.....	26
2 - DO CUIDADO	32
3 - INFÂNCIAS E UM NOVO OLHAR	35
4 - INFÂNCIAS E EDUCAÇÃO: POR QUE O AMOR E O CUIDADO SÃO IMPRESINDÍVEIS?.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
PARTE 3. PERSPECTIVAS FUTURAS	48
REFERÊNCIAS.....	49

APRESENTAÇÃO

Esse Trabalho de Conclusão de Curso encerra o processo de formação inicial no curso de Pedagogia. Encontra-se organizado em três partes: Memorial, Ensaio Reflexivo e Perspectivas Futuras.

O Memorial é um breve relato sobre a minha história pessoal e acadêmica, os caminhos que trilhei para fazer o curso de Pedagogia e como escolhi o tema do Ensaio.

O Ensaio aborda questões relacionadas às infâncias e um novo olhar para elas, buscando compreender como o Amor e o Cuidado são fundamentais na formação integral das infâncias.

A terceira parte refere-se às perspectivas futuras onde falo sobre meus planejamentos e expectativas enquanto educadora.

PARTE 1. MEMORIAL

Nasci em Sobradinho às 06h40 do dia 05 de fevereiro de 1992, filha de Vânia Alice Santos Cerqueira, à época com 16 anos de idade, filha adotiva de Ernestina Santos Cerqueira e Antônio Cerqueira, ambos analfabetos. Me chamaram Rayssa Vitória Santos Cerqueira. Rayssa porque era o nome de uma princesa russa e Vitória porque nasci de seis meses. Aquário com ascendente em aquário e lua em peixes. Devido a minha mãe ser menor de idade, a minha guarda foi dada aos meus avós, Ernestina e Antônio, pelos quais fui criada em uma infância regada por muitos mimos, carinhos e atenções. O tio William também foi uma das pessoas que dedicaram seu tempo e amor para auxiliar no processo de cuidado.

Aos quatro anos de idade, no ano de 1996, comecei a frequentar o Jardim de Infância, Jardim I, em uma escola espírita chamada Eurípedes Barsanulfo, que ficava próxima à minha casa. Guardo ótimas recordações dessa época, principalmente das brincadeiras na hora do recreio. A escola era um lugar muito especial e querido a mim, gostava muito de estar ali, principalmente por poder estar com os colegas e poder inventar as mais diversas brincadeiras de descobrir o mundo. A amorosidade da professora Guaciara com a gente também foi algo que contribuiu com o fato de eu adorar ir para a escola.

Estudei no Educandário até os meus 6 anos de idade, quando concluí o Jardim III, que foi onde aprendi a ler e escrever, e me lembro que auxiliava meus colegas de sala que tinham dificuldades em fazer as atividades propostas pela professora. Poder auxiliar meus colegas, inclusive quando a professora me pedia para fazer isso, era algo que me deixava muito feliz e orgulhosa. Aprender a ler e escrever foi o despertar do encantamento do mundo. Meus familiares sempre incentivavam muito a leitura, principalmente meu avô, que sempre comprava gibis da Turma da Mônica pra mim, e meu tio William pedia para que eu escrevesse histórias e contasse para ele quando ele chegasse em casa a noite do trabalho.

Ao sair do Jardim III e ir para a antiga 1ª série fui para a Escola Classe 10, também localizada em Sobradinho e que também ficava próxima a casa da minha avó. Ansiedade e expectativas várias, fui viver aquela nova experiência, que foi curta: fiquei apenas alguns dias na primeira série. Ao perceber que eu já estava alfabetizada, fui adiantada para a segunda série, naquela mesma escola. Estudei ali as 2ª e 3ª séries, onde depois mudei de escola.

No Centro Educacional 2, também em Sobradinho, foi onde fiz a 4ª série e no final do ano mudei de escola novamente. Fiz todo meu ensino fundamental no Centro 1, que ficava a dez minutos da minha casa. Mudanças maiores aconteceram nesse movimento. Passei a ter mais disciplinas, mais professores e uma nova lógica de amadurecimento frente aos estudos. Repeti a 7ª série, o que foi um grande aprendizado e também um certo choque para minha família, pois até aquele momento eu sempre tinha sido uma excelente aluna, apesar das maiores dificuldades com as disciplinas de exatas, pelas quais nunca tive grandes interesses. Nessa época da minha vida começava a descobrir outras possibilidades de mundo e de vivências para além da escola e também dentro dela. Me lembro que muitos dos conhecimentos que eram passados em sala de aula me entediavam. Passei a questionar mais algumas coisas, pois meu ser ansiava por liberdade (apesar de poder não compreender isso muito bem).

Fui fazer meu ensino médio no Centro de Ensino Médio 1, mais conhecido como Ginásio, onde fiquei durante os três anos. Mais alguns choques no processo educacional. Outras disciplinas, algumas mais complicadas, como matemática, biologia, física e química me causaram alguns problemas e alguns traumas. A forma como o conteúdo era passado me deixava por vezes mais perdida e eu lembro de sempre me perguntar: ‘para que eu vou usar isso na minha vida?’. Meu maior interesse era pelas aulas de Sociologia, por exemplo, onde tínhamos um contato mais direto com a professora, que se preocupava em estar mais próxima dos alunos e também onde tínhamos a oportunidade de fazer questionamentos a algumas questões construídas socialmente. Nessa época eu também começava a me interessar mais pelos movimentos sociais e políticos, como o Movimento Passe Livre. O questionamento era algo que me movia frente ao mundo, e essas inquietações também se faziam presentes frente à instituição escolar, onde eu buscava compreender porque algumas relações ali dentro tinham que ser construídas a partir de uma lógica de hierarquia, silenciamento dos estudantes, medo e punição.

Com meus 15 anos, ainda no ensino médio, comecei a estagiar e assim seguiu durante todo o período dos meus estudos: estágio e escola. Para além dos serviços burocráticos que não acrescentavam muito no meu dia a dia, os estágios pelos quais passei me ensinaram bastante sobre auto responsabilidade e relação interpessoal, além de me proporcionar um sustento mais independente da minha família. Com o dinheiro que recebia, podia de certa forma alimentar minha liberdade e autonomia.

Reprovei o 3º ano pois não consegui nota suficiente para passar em Física e em Matemática. Ao pegar o resultado no final do ano, decidi que não iria direcionar meu tempo fazendo todo o terceiro ano de novo e então fiz o supletivo apenas para aquelas matérias no Cesas, localizado na Asa Sul, onde tinha aulas apenas algumas vezes na semana. Com essa experiência onde convivi com pessoas mais velhas que eu, pude notar que a forma como o educador percebe o aluno faz muita diferença dentro do processo de aprendizado. No Cesas aprendi matemática e física de uma forma muito mais simples e tranquila, onde fiquei impressionada como o ensino pode ser mais fácil se estiver mais linkado com as nossas vidas. Terminei meu ensino médio então no primeiro semestre de 2010.

Meus estudos sempre foram uma preocupação para minha família, e entrar na UnB era quase que como uma ‘obrigação’ dentro dessa trajetória de aprendizado. Eu tinha certo receio de entrar na Universidade por ter criado uma imagem de que a Academia era espaço apenas para pessoas muito inteligentes e que eu acabaria ficando deslocada. Mas eu também sabia que não queria estudar em nenhuma faculdade particular. Dedici, em conjunto com algumas pessoas da minha família, que eu me matricularia em um cursinho pré-vestibular, o que foi feito. Passei todo o segundo semestre do ano indo para aulas diárias. Comecei os estudos de preparatório para o vestibular sem saber qual curso escolheria, mas tinha dúvidas entre serviço social e psicologia, pois sabia que gostaria de estudar questões relacionadas ao Ser e trabalhar com e para o Ser.

Durante uma conversa com uma amiga, ela disse que tinha escolhido o curso de Pedagogia, por esse ter uma nota de corte menor e pelo número de concorrentes por vaga também ser menor. Por não considerar que eu estava tão preparada para prestar o vestibular e também levar em consideração que caso eu não passasse essa notícia poderia ter um impacto não tão positivo na minha família, escolhi Pedagogia, quase como nas cegas.

Dia 4 de fevereiro de 2011, um dia antes do meu aniversário, saiu o resultado do vestibular e, para minha surpresa e espanto eu havia passado. Acho que aquele momento foi uma das maiores felicidades que já experienciei na minha vida. Fui contar a notícia para meus avós, que ficaram extremamente felizes com a novidade. Inclusive meu avô, que na época já estava muito doente, com Alzheimer, chorou de emoção quando contei para ele que iria começar meus estudos superiores na Universidade de Brasília.

Entrei na Pedagogia com uma questão curiosa: eu tinha certo ‘medo’ ou receio de crianças. Sempre que podia, me mantinha o mais distante possível, sem grandes tentativas de

criar muito espaço para aproximação. A sinceridade e a verdade que as crianças movimentam eram o suficiente para me deixar insegura comigo mesma. Acreditava que eu não tinha muita jogada para lidar com a espontaneidade delas, e nem sabia como me dirigir a elas. Me considerava uma pessoa bastante séria. Mesmo sabendo disso, resolvi acolher o desafio.

Esprei ansiosamente pelo início das aulas, e fui muito bem recebida pelos ‘meus’ veteranos na Faculdade de Educação. Aos poucos fui compreendendo o que era todo esse universo que a UnB pode proporcionar, e também aos poucos fui percebendo o que é e o que pode ser a Pedagogia.

No primeiro semestre através das aulas de Oficina Vivencial, com o professor Erlando, tive contato com o livro *Fomos Maus Alunos*, de Gilberto Dimenstein e Rubem Alves, o qual traduziu de uma maneira muito forte as minhas percepções e críticas que fui construindo ao longo da minha vivência escolar pré-UnB. As inquietações sobre um sistema de educação desconectado com a Vida de cada um dos educandos e o desencantamento com o mundo, muitas vezes ocasionado por uma educação bancária, foram os temas que mais me chamaram atenção.

Logo no meu primeiro semestre consegui um estágio em uma escola particular tradicional, para trabalhar com crianças de três anos de idade. No começo eu fiquei muito empolgada, mas conforme os dias foram passando, aquela empolgação foi dando lugar a uma tristeza muito grande por estar ali naquele local. A forma como as crianças eram tratadas, os castigos que eram proporcionados, a maneira como a professora em alguns momentos direcionava as atividades com os pequenos, e o meu cansaço por estagiar a tarde toda e ter aula a noite foram impulsos para que eu encerrasse essa experiência com pouco menos de um mês. Já ali eu começava a questionar a estrutura escolar, mas não me sentia preparada para lidar com o que estava acontecendo, nem me sentia preparada para propor novas formas ou metodologias de trabalho. Percebia claramente que a escola estava, em muitos casos, servindo como depósito de crianças, e aquilo entristecia muito meu coração. Resolvi seguir por outros caminhos.

Depois dessa experiência, consegui um estágio na própria Universidade, no Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico – CDT/UnB, onde entrei para auxiliar em um projeto de educação a distância que oferecia cursos de formação continuada para micro e pequenos empresários de algumas regiões do País. Foi uma experiência rica e interessante, onde aprendi bastante, principalmente pelas trocas interpessoais que eram proporcionadas com os

estudantes durante o desenvolvimento desse trabalho, sendo muito gratificante sentir e perceber a alegria de muitos deles pelo aprendizado que estava sendo oferecido. Ao final de seis meses e com outras demandas aparecendo, fui convidada a integrar a equipe do CDT enquanto bolsista, com carga horária de oito horas diárias de trabalho. Aceitei e fiquei lá durante três anos, onde trabalhava o dia todo e ia para a aula a noite.

Ao entrar em contato com disciplinas que discutiam mais especificamente o que seria educação, algo já me incomodava. Me gerava incômodo saber que nossa educação estava muito mais focada no cognitivo e preocupada com o quantitativo. Me incomodava perceber que a educação, tal qual pensada atualmente, não auxilia no processo formativo que vise o desenvolvimento do ser integral, o despertar e aflorar de seus dons e potencialidades reais, levando em consideração suas emoções, afetos, sentimentos, percepções de mundo. Me incomodava perceber, para além das minhas experiências dentro do meu próprio processo formativo, que silenciemos nossas crianças e a nós mesmos.

No segundo semestre de 2015 entrei em contato com o Projeto de Extensão Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras - Autonomia, com reuniões às quartas-feiras à tarde, onde discutíamos temas diversos ligados aos princípios norteadores de autonomia, solidariedade, responsabilidade e também compartilhávamos nossas experiências em sala de aula. Através do Projeto Autonomia entrei em contato com a professora Aracy na Escola Classe 115 Norte e com as crianças do 4º ano. Essa foi para mim uma experiência muito forte de contato com a infância em um espaço escolar, com muitos aprendizados. Durante a experiência nessa Escola senti os grandes incômodos com a educação tradicional, principalmente com a questão da docilização e domesticação dos corpos. No Autonomia foi também onde entrei em contato com a professora Fátima Vidal, orientadora desse trabalho e peça importantíssima dentro da minha formação acadêmica.

Em 2016 achei melhor optar por uma experiência, vinculada e acompanhada pelo Projeto Autonomia, com a infância em um espaço não escolar e me direcionei para o Centro de Desenvolvimento da Criança – CDC, localizado na Estrutural, com crianças de várias idades. Achei interessante a proposta do CDC por ser um espaço não-escolar, com maior liberdade para as crianças e também pela proposta das Mães Educadoras, onde as mães das crianças cuidam e aprendem-ensinam no dia a dia do Centro. Essa foi também uma experiência muito forte e muito gratificante para minha pessoa, e que me trouxe muitas percepções enriquecedoras sobre a infância, o amor e o afeto.

Esse Ensaio era pra ter sido apresentado no final do ano de 2016, porém os vários movimentos da Vida e minhas escolhas me levaram por outros lugares e muitas coisas aconteceram. Compreendi que esse trabalho poderia esperar mais um pouco, mas a vida ‘lá fora’ não. Resolvi me dedicar mais um pouco ao meu trabalho com o *ThetaHealing*, às minhas curas, tive experiências intensas no final do ano e também descobri que estava gerando um Ser em meu ventre. Mudança de vários planos, inclusive dentro da temática desse presente trabalho.

Os Despertares para as Curas

Em março de 2013, meu tio William, o qual me criou como uma filha, desencarnou. Foi um grande choque para a família, por ter sido algo tão repentino. No segundo semestre de 2013, mais especificamente em novembro, conheci o grupo Flor da Terra, um grupo espiritualista de meditação. Esse fato mudou qualitativa e radicalmente minha vida para melhor, pois muitas coisas começaram a fazer mais sentido, inclusive minha existência. Nesse grupo pude (re) encontrar minha família de alma e me localizar dentro do mundo, pois comecei a entrar em contato com a espiritualidade e com o autoconhecimento, temas com os quais eu sempre flertava durante minha adolescência, mas que não sabia bem como encaminhar. A espiritualidade é por onde eu guio atualmente a minha existência.

Na Fraternidade Flor da Terra temos a oportunidade de disponibilizar o Coração para um movimento muito bonito de Cura, Amor, Autoconhecimento, Cuidado e Acolhimento, e assim somos convidados a nos amar da forma como somos, com nossa sombra e nossa luz. Foi nesse local que pude despertar meu Ser para o real poder de cura do Amor. Pude compreender que o Amor é a base das relações, é o que nos move em solidariedade, é o que nos permite seguir viagem compartilhando a existência com todos os irmãos e irmãs que aparecerem na caminhada. Hoje sinto no mais íntimo do meu Ser que o Amor é a resposta. Após minha entrada no Flor da Terra, a minha relação com as crianças e percepções sobre a infância também foram se modificando. Aos poucos fui construindo – e ainda estou – um lugar de confiança em mim para me relacionar com esses seres tão especiais e que tanto nos ensinam.

Em 2014 minha mãe foi diagnosticada com depressão. Foi um ano muito intenso, onde precisava me dividir entre trabalhar oito horas por dia, ter aulas a noite, dar suporte para minha vó e demais familiares e fazer visitas à minha mãe na clínica de reabilitação onde ela ficou por quase um ano. Quase desisti, diversas vezes, da Universidade, pois achei que não

aguentaria. O maior aprendizado que tive nesse período foi exatamente o aprendizado da fortaleza que o Amor constrói e do quão forte posso ser quando estou ligada à essa energia. Se não fosse por todo Amor e Cuidado que recebi dos meus irmãos e irmãs de vida, não sei o que teria sido de mim. Se não fosse pelas mãos que me ajudaram a me manter de pé, acho que não teria percebido quão forte eu poderia Ser.

Em 2014 também foi o ano em que sintonizei meu coração com um dos meus mestres: o guru e psicólogo brasileiro Sri Prem Baba (em sânscrito: Pai do Amor), continuador da linhagem indiana *Sachcha*, “que está a serviço da transformação planetária e da paz global, trabalhando através do exercício do amor e da compaixão para restabelecer e elevar os valores humanos, espirituais e sociais.” (trecho extraído do perfil do *Facebook*). Com sua presença forte, uma das suas missões é o despertar a consciência amorosa em todos e em todos os lugares, colocando-nos, de forma amorosa, em contato com nossas dores afim de que possamos liberá-las e redescobrirmos nossos grandes potenciais, dons e talentos. Baba, meu grande Mestre e amigo, é uma peça importante na construção desse trabalho.

Em maio de 2015 conheci a técnica de cura energética *ThetaHealing*, o que transformou e vem transformando minha vida de uma maneira intensa e maravilhosa. O *ThetaHealing*, técnica quântica que atua a níveis físico, emocional e espiritual tem por trabalho base a reprogramação do que chamamos de crenças limitantes, que são padrões de pensamentos que nos limitam em nossa existência. Através da conexão com o estado cerebral *Theta* e da consequente conexão com o que chamamos de Espaço de Tudo o que É, o terapeuta consegue, através de um trabalho intuitivo, entrar em contato com o subconsciente da pessoa que está sendo atendida, identificando esses padrões de crenças limitantes, cancelando-os e substituindo por um novo padrão de pensamento que sejam libertantes e potencializadores do Ser. Com o *ThetaHealing* pude entrar em contato com minhas dores de uma maneira mais doce, clara e fácil. Pude identificar feridas que estavam escondidas, muitas delas relacionadas à minha infância, e trabalhá-las com mais leveza, clareza, amor. Ainda no primeiro semestre de 2015 comecei a atender as primeiras pessoas que chegavam até mim, além de me ‘terapiar’ constantemente, visando sempre meu crescimento, melhora e desenvolvimento pessoal através da energia de Amor, para que assim eu me tornasse um canal de cura que possibilitasse que o Amor também chegasse às outras pessoas.

ThetaHealing é uma técnica que me conecta diretamente com a energia de Amor Incondicional que permeia todo o Universo. Graças ao *Theta* tenho aprendido grandes lições

no que tange um dos assuntos que mais gosto de estudar: o Ser. E o Ser não tem fim em seus estudos, é esse constante devir de aprendizado e crescimento, e isso é uma das coisas que mais me encanta. O crescimento pessoal é uma das forças que me impulsionam no meu dia a dia. Tenho trabalhado para me melhorar e assim construir relações mais saudáveis com as pessoas que estão ao meu redor, permeadas com e pelo Amor. Com o *ThetaHealing* venho me reconectando com meu propósito de Vida, que está ligado à Cura e ao Cuidado.

Ainda em 2015 também fui diagnosticada com depressão, e entendi como podia ser desafiante acolher isso. Minha depressão estava muito associada ao fato de eu estar trabalhando e dedicando meu tempo a coisas que não faziam muito sentido nem tinham muito significado para mim. Eu trabalhava por causa de dinheiro, nada mais. Minha escolha foi me tratar a partir de técnicas alternativas, contando com o apoio da acupuntura e também do *ThetaHealing*, onde pude fazer um mergulho profundo nas minhas questões que precisavam ser limpas e trabalhadas para que eu chegasse em outro estágio de despertar de consciência. Graças a Tudo que É, me percebo curada da depressão e compreendo tudo como um grande aprendizado.

Como as várias áreas de nossas vidas se misturam, não pude separar os aspectos pessoais da minha vida acadêmica, então grande parte das experiências que eu vivenciava e vivencio no dia a dia influíram e influem diretamente na minha jornada acadêmica. Minha caminhada espiritual abriu várias portas para que eu chegasse até aqui, pois foi através do contato com a força curativa do Amor que despertei um pouco mais para a temática desse trabalho final de curso. Através do meu interesse pela minha própria cura, pelo meu próprio despertar, através do contato com meus anseios por uma educação que realmente faça sentido e não seja violenta com nossas crianças, cheguei até aqui. Através das minhas vivências com os irmãos e irmãs que partilharam suas vidas, dores e alegrias comigo, percebi que o Amor cura, acalenta e sana. Através do contato com as crianças e da entrega delas percebi que a força que as move é o Amor, e que isso deve ser compreendido, nutrido, reverberado. E compreendi que tenho muito mais a aprender com elas do que elas comigo. Através das experiências nesse mar chamado Vida, compreendo que estar aqui nessa Terra, encarnada, pode ser um processo mais tranquilo e harmonioso, desde que esteja desperta e sintonizada para com as Sabedorias que me proporcionem um viver mais leve, e que também esteja conectada com as relações que me fortalecem diariamente. E o Amor é a força que me faz compreender que sim, o aprendizado maior da existência, que é o próprio Viver, pode ser

muito mais sereno, alegre e tranquilo se for permeado e nutrido a partir do Amor, com Amor e por Amor. Somos co-criadores de nossas realidades.

Ao longo tempo que tenho atendido pessoas com *ThetaHealing* além de praticar comigo também, venho percebendo que em grande parte dos atendimentos aparecem questões relacionadas à infância da pessoa que está sendo atendida. Muitas vezes questões relacionadas a traumas e dores decorrentes muitas vezes de uma educação violenta, pouco amorosa, cuidadosa e acolhedora, que desencadearam em processos de baixa autoestima, não confiança em si e na vida, desconexão com o próprio sentir e propósito etc. Esses fatos me chamaram muita atenção e me despertaram para a reflexão e busca da compreensão da importância do Cuidado e da Amorosidade para com a infância para que nos constituamos enquanto seres mais plenos e confiantes, aptos a viver com mais leveza, tranquilidade e sabedoria para lidar com nós mesmos, com as outras pessoas e com tudo que está ao nosso redor.

Tendo por base minhas vivências e despertado para a importância que nossos pensamentos e crenças tem em nossas Vidas, para o valor do Amor enquanto força transformadora de realidades, me senti mais inclinada a alinhar minhas reflexões com o meu trabalho terapêutico, o qual me dedico de coração. Me percebi também mais incomodada com a forma como muitas de nossas crianças são tratadas, como muitas vezes projetamos nossas próprias limitações nelas. Me incomoda ouvir crianças sendo colocadas em lugares de falsa incompetência, com muitos medos moldando suas realidades, em contextos educacionais os mais diversos que muitas vezes pretende apenas encaixá-las em uma vida em sociedade que pode ser desconectada do encantamento, da alegria, do sentido de viver, das nossas verdadeiras potencialidades e do que realmente viemos realizar aqui nesse mundo.

Levando em consideração minhas vivências e reflexões e a percepção da Vida enquanto um contexto educacional, me surgiu o norteamento para esse trabalho: Qual a importância e contribuição do Amor e do Cuidado na construção do fazer educacional? Como o Amor e o Cuidado se constituem enquanto bases para uma educação potencializadora do Ser e integral em todas as suas dimensões? Buscarei responder essas perguntas tendo como base meu diálogo com alguns autores que escolhi para trilharem comigo essa jornada: Humberto Maturana, Leonardo Boff, Rudolf Lanz, Sri Prem Baba e Paulo Freire. Também utilizarei como ferramenta de reflexão minhas vivências com as infâncias em contextos educacionais escolares e não escolares, as quais tive a oportunidade de experienciar durante

meus Projetos 4.1 e 4.2 e também em outros espaços educativos, levando-se em consideração que a educação permeia e é a Vida.

Da finalização de mais essa etapa na minha Vida, sigo. Confiando em uma nova realidade para todos nós, que dividimos essa Casa em Comum. Independente de estar trabalhando com crianças, jovens, adultos, ou sozinha, acredito que o Amor e o Cuidado devem perpassar por todos os caminhos, para realmente trazer sentido às nossas ações no reconhecimento de Si e do Outro. Sigo no estudo do Ser e na busca da minha transformação interior. Sigo confiando em grandes transformações para a educação, confiando em uma educação que seja significativa, amorosa e que nos ajude a perceber a Vida que pulsa em cada um e cada uma de nós.

“Meus planos de continuação dos meus estudos e pensar sobre a educação e a infância perpassam pelo seguinte caminho: o Despertar do Amor através das relações (consigo, com o outro, com o ambiente). Dentro disso, trabalhar a auto confiança, o amor próprio, auto aceitação, a comunicação não violenta, a cultura de paz, a mediação de conflitos, a pedagogia do cuidado, do afeto e a visão holística englobando tudo.” (Trecho retirado do meu Diário de Bordo construído a partir das minhas vivências no Centro de Desenvolvimento da Criança – CDC. Estrutural, junho de 2016)

Do Amor nasci

Pro Amor me movimento

Do Amor sou

Ao amor sirvo.

Prabhu Ap Jago Paramatma Jago Mere Sarve Jago Sarvatra Jago

(Deus desperte, Deus desperte em mim, Deus desperte em todos e em todos os lugares.)

PARTE 2. ENSAIO

O presente ensaio é um convite para que possamos compreender como o Amor e o Cuidado são peças fundamentais na educação das infâncias, visando uma formação que possibilite o desenvolvimento integral do Ser. É também um olhar para nossas crianças interiores, as quais, às vezes, nos esquecemos que existem, mas que nos acompanham por toda nossa vida e que precisam também ser cuidadas, amadas e ouvidas.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho, elaborado em tópicos, é construído da seguinte maneira: em um primeiro momento trago recortes dos Diários de Bordo que escrevi durante os estágios obrigatórios que fiz dentro e fora dos espaços escolares. Esses recortes funcionam como fotografias escritas e me localizam melhor dentro da temática e escrita desse trabalho, costurando uma percepção e compreensão maior sobre os motivos que me levam a escrever sobre esse assunto e norteando os pontos mais a frente. Precisei trazer, nesse primeiro momento, esses recortes das minhas experiências e vivências educacionais em diferentes lugares e contextos para que ficasse mais claro, para mim e para você que lê, aonde eu quero chegar, onde já estive, por onde andei, sabendo que o importante é a travessia, como diria Guimarães Rosa. Abordarei, de forma mais simples e não dogmática, a temática do Amor e do Cuidado enquanto bases extremamente importantes na educação. Falarei sobre as Infâncias, mais especificamente o primeiro setênio, visando a construção de uma nova perspectiva sobre essa fase tão importante em nossas Vidas, e para isso tomo sombra à luz da perspectiva de mundo holística, (na qual a Pedagogia Waldorf está inserida), e seu olhar focado na importância do desenvolvimento das crianças, e as crianças enquanto um todo complexo, centro do fazer educacional. Considero a visão holística como a que melhor contempla um olhar mais ‘alternativo’, mais aberto para outras dimensões do Ser, inclusive a espiritual. A escolha pelo primeiro setênio foi devido às minhas experiências terem se dado mais com essa fase e também por considerar que os sete primeiros anos são fundamentais na fundação da personalidade e percepção do mundo.

Busco refúgio e diálogo com autores que podem ser considerados ‘alternativos’ dentro da academia, mas os quais merecem ter seus discursos considerados dentro do universo

acadêmico, ainda mais dentro dos cursos ligados mais diretamente à educação, como a Pedagogia.

Ao escolher um tema para esse trabalho a motivação era escrever sobre algo que realmente tivesse importância e sentido para mim, além de também considerar a reflexão aqui presente como oportuna para esse momento planetário, onde muitos de nós estamos questionando e repensando os padrões vigentes de educação, cuidados com as crianças, formas de ser e estar no mundo.

Não imaginei que um processo de cura das feridas da minha criança fosse se desencadear a partir dessa temática. Vi-me em diversos momentos acessando memórias da minha infância, inclusive memórias escolares, e as coisas começaram a fazer mais sentido, inclusive minha trajetória acadêmica e terapêutica. Pude compreender melhor o porquê do meu interesse em rever a infância através da sensibilização e do Amor. Através das alegrias e tristezas da minha infância, posso olhar com mais amorosidade e compreensão para as crianças que estão ao meu redor, estando elas realmente em suas infâncias ou dentro do coração dos mais velhos, que por vezes esquecem os meninos e meninas que já foram algum dia.

O que mais percebo frequente dentro da minha caminhada é o repensar. E através de minhas experiências, o repensar as infâncias e a educação, as relações e existências. Questionamentos constantes. Mas, por que repensar a Educação? Por que repensar o Ser e as infâncias? A partir de onde nos movimentamos no mundo: do medo ou do Amor? Para que nos tem servido a educação? E na maioria dos momentos e das perguntas, o Amor se faz presente, se mostra como resposta. A importância do Amor e do Cuidado se fazem presentes. Através das minhas vivências e experiências nos mais variados espaços, percebo a importância de se falar sobre o Amor, de cultivar o Amor, de propagar o Amor. Percebo o quanto a educação, para que faça sentido, deve ser permeada por ações amorosas e deve, em primeiro lugar, enxergar as crianças que ali se formam e se desenvolvem.

...

(Trago em mim recordações. Das vivências que tive, das pessoas com as quais compartilhei – ou não -, das quedas, das esperanças, dos amores pulsantes, dos corações. São essas vivências e experiências que me trouxeram até aqui, formam meu corpo, meu sentir, meu agir. Recordações que me permitem olhar o que já fui, como quero ser e onde quero

chegar. Talvez a Vida seja isso – esse constante re-pensar e re-sentir, rumo ao melhor de nós. Rumo ao Amor.)

[Recortes]

Diário de Bordo 1 – Escola Classe 115 Norte. 2º Semestre de 2015

“Na manhã do dia 15 de setembro fui até a Escola Classe 115 Norte para uma manhã de observação. Fui bem recebida pela professora e também pelos alunos, os quais se mostraram curiosos com a minha presença lá. Ganhei alguns beijos e abraços e me senti recarregada e feliz com aquele contato. (...) É muito bom receber demonstrações de carinho e afeto de seres que mal nos conhecem. Crianças são a demonstração de que o amor não tem limites e é incondicional.”

(...) “Esse foi meu primeiro contato direto com crianças em sala de aula, o que é um movimento grandioso e desafiador. Me vi repensando minha atuação junto com as crianças, minhas atitudes, falas, olhares. Estar com crianças é traçar e trabalhar em outro espaço-tempo, um espaço-tempo que é mais delas que nosso.

Vejo-me agradecida por essa oportunidade de aprendizado, trocas, saberes. É gratificante receber tanto carinho, aprender com cada mãozinha, cada olhar, cada pequeno mestre ali presente. Vi-me tendo que rever muitos conceitos, percepções. É uma caminhada rumo ao amadurecimento de si, também. Rumo ao amadurecimento desse ser educador-aprendente. Com certeza tenho muito ainda que aprender. Errei muito, deixei muito a desejar, mas a oportunidade valeu muito pra minha caminhada.”

Diário de Bordo 2 – Centro de Desenvolvimento da Criança, Cidade Estrutural. 1º semestre de 2016

“Escolhi o CDC por se tratar de um espaço não formal de educação. Outro aspecto que me atraiu muito na escolha do Centro foi a presença das mães educadoras naquele lugar, na Cidade Estrutural, que eu também não conhecia. A possibilidade do reconhecimento dos saberes das mulheres no cuidado com as crianças despertou muito minha curiosidade sobre como se davam as relações de aprendizado, partilha e crescimento dentro daquele lugar.

Poder estar em uma rede de mulheres dividindo os cuidados com a infância despertou em mim uma vontade muito grande de repensar a educação e as relações. Eu também sentia vontade de trabalhar alguns traumas que eu tenho (ou tinha) com relação à educação escolar tradicional, que tanto aprisiona as crianças e a infância, moldando-as a padrões sociais pré-estabelecidos e aceitos. Meu desejo era estar com a infância através da leveza e da liberdade das mais variadas expressões, através do brincar e do livre fluir. Compreendi que dentro desse meu desejo, o CDC poderia ser o espaço mais adequado para meus aprendizados e crescimentos em comunidade.

(...) ”Cada dia que estou junto com as crianças percebo-o como uma oportunidade de aprendizado e crescimento. Por mais que seja desafiador, principalmente no que diz respeito à mediação de conflitos entre as crianças e o aprendizado sobre as emoções, é muito gratificante poder dialogar e repensar a percepção de mundo com o auxílio das crianças. Dentro desse envolvimento com as crianças, também sou motivada a repensar minha própria relação com elas, de forma a construir esse contato de maneira mais amorosa e respeitosa, o que entendo enquanto um aprendizado coletivo. Tenho aprendido a me comunicar de igual para igual, percebendo-as enquanto sujeitos de fala e de direitos, que também tem uma mensagem para comunicar. Tenho aprendido a me comunicar a partir de um lugar de firmeza mas também de serenidade, respeitando o espaço de cada uma, buscando estabelecer uma relação a partir do amor e não do medo.”

(...) “Sei que fui levada a estar em lugares de muitos questionamentos e repensar sobre a infância e a educação, o que era uma das minhas vontades: me desprogramar para perceber através de um outro olhar.”

Diário de Bordo 3 – Da Vida mesmo, do Ser Mãe

Mikhael hoje tem um ano e cada dia me ensina um pouco mais. Com ele busco ser o melhor que posso ser. Busco proporcionar uma experiência prazerosa, edificante, amorosa e respeitosa aqui na Terra, de forma com que ele também possa se inspirar a ser um ser humano cada vez melhor. Íntegro, sincero, conectado consigo e com os outros, desperto em amor, vida, alegria, animação, curiosidade pelo viver. Sei que é importante deixar minhas projeções de lado, mas também reconheço que o mínimo de bases eu, enquanto mãe e meu companheiro enquanto pai temos responsabilidade em estruturar. E sei que as crianças se guiam pelo

exemplo, reconhecendo que somos nada menos que espelhos um dos outros. A “preocupação” que eu já tinha com uma educação mais amorosa, gentil e que tome a criança enquanto centro, enquanto um ser de ideias, vontades, desejos só aumentou com o nascimento do meu filho. A vontade de criar espaços dentro da nossa relação para que essa se estruture de uma forma mais amorosa e respeitosa com ele só cresce a cada dia. Porque percebo que através de uma abordagem gentil, amorosa e respeitosa podemos construir novas relações, mais saudáveis e que não sejam mais pautadas pelo medo. Que não sejam pautadas por uma obediência sem razões, apenas por questões hierárquicas ou algo do tipo. Mas que sejam escritas através do respeito e da compreensão que estamos todos formando uma sociedade, uma grande família. E que tudo pode e deve ser repensado rumo a um viver mais harmônico consigo e com quem está ao redor. A partir do nascimento de Mikhael me conectei ainda mais com novas abordagens, principalmente com a Disciplina Positiva e a Criação com Apego, (muitas vezes até intuitivamente), as quais ainda são pouco conhecidas mas que trazem profundas e verdadeiras transformações e contribuições dentro do fazer educacional e pedagógico (o qual é toda a Vida por si só).

1 – DO AMOR

“Não há sol a sós.” Arnaldo Antunes

Ainda somos influenciados pelo paradigma cartesiano-newtoniano, presente em nossa sociedade desde o século XVII. Esse paradigma nos traz uma percepção fragmentada, fundamentando-se em uma racionalidade analítica, no qual mundo e natureza nos são apresentados como máquinas que funcionam mecanicamente em suas estruturas determinadas. Nesse paradigma, o corpo humano também é percebido enquanto uma máquina que apenas veicula o pensamento racional. A mente pensante exerce supremacia diante do corpo e o Ser Humano é percebido enquanto um ser racional e mental, fragmentado do Sentir.

A partir de uma visão de mundo e de Ser reducionista e separatista, que nos percebe apenas enquanto animais racionais e mentais, separados de nossos corpos e emoções, construímos nossas relações no e com o mundo de uma forma desconectada e dessensibilizada perante as Vidas que se manifestam. Pautamos nossas vivências não a partir de ideais de solidariedade, respeito e amorosidade, mas de medo, separação, isolamento e

negação do Outro (seja esse Outro Ser Humano ou não), os quais se configuram em ideais de não harmonização e não manutenção da Vida.

Facilmente nos desconectamos de nosso lado emocional e afetivo, possibilitando relações adoecidas com nós mesmos e com todo o ecossistema. Pautamos nossas vivências pela dicotomia existente/inventada entre nosso corpo e nossa mente, entre o sentir e o pensar. Priorizamos o ter em detrimento do ser, priorizamos ideais de competição, nos desconectamos da natureza, criando a ideia de que ela está a nosso serviço. Relações utilitárias, imediatistas e mecânicas são criadas, posto que estamos desconectados de nossos corações, possibilitando um campo de barbáries e uma crise civilizatória, como bem podemos perceber atualmente.

Ao focar nos aspectos materiais e cognitivos, o homem tem o poder de conquista de espaços exteriores, mas pouco ou nada aprende sobre Si, seus sentimentos, carências, potencialidades, sonhos, virtudes e sobre sua constituição enquanto Ser de relações. Essa desconexão entre mente e coração pode acarretar em uma desarmonia existencial, que acaba por atingir a Tudo e Todos, considerando que estamos Todos interligados em uma Teia Universal.

O neurobiólogo chileno Humberto Maturana traz como proposta em suas reflexões o fim do dualismo tão presente no pensamento ocidental cartesiano, o qual separa corpo e mente, razão e emoção, indivíduo e sociedade, espírito e matéria. O Ser Humano é, portanto, o entrelaçamento entre o racional e o emocional.

“Dizer que a razão caracteriza o humano é um antolho, porque nos deixa cegos frente à emoção, que fica desvalorizada como algo animal ou como algo que nega o racional. Quer dizer, aos nos declararmos seres racionais vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional.” (MATURANA, 1999, p. 15)

Em um contexto de fragmentação, surge então a crise. E há muito temos vivido uma crise civilizatória que tem se dado nos mais diversos contextos da existência humana: ambiental, econômico, climático, social, de relacionamentos etc. Convivemos com um sistema de produção capitalista e desumano, que cria relações pautadas na competição, na individualidade egoísta e na desigualdade. Criamos guerras, fome, violências, mortes,

desconexão com o Outro e com o Planeta. Destruímos Vidas. Vivemos há algum tempo pautados por ideais de medo e de separação, fragmentação e conflitos e percebemo-nos enquanto separados do Outro com o qual nos relacionamos. O medo nos isola e nos tornamos mais distantes, impossibilitados, muitas vezes, de perceber o Outro enquanto Ser Humano também, em todas as suas complexidades e potencialidades.

Porém, as crises que surgem para nos dizer que algo não está em harmonia ou que já não funciona mais também podem ser percebidas como uma grande oportunidade de transformação, esperança e mudança. Mudança de paradigmas, de percepções, de ações. Em sânscrito (língua clássica indiana), crise vem de *kir* ou *kri*, que significa purificar e limpar. Portanto, ao entrarmos em contato com a crise, temos em nossas mãos uma grande chance de transformação e evolução de nós mesmos, onde o que não nos serve mais é deixado para trás e tomado como aprendizado, se essa for a nossa escolha.

Mas...será que essa crise é externa a nós? Segundo Prem Baba (2015), o que acontece no macro Universo é um reflexo do microuniverso, portanto a origem de qualquer crise, guerra ou doença se encontra também dentro de nós mesmos. Ou seja, a ideia de separação e independência do todo surge dentro de nós mesmos, então é para dentro que devemos, num primeiro momento, olhar. Para a desconexão com nossa Essência, nosso lugar de Comunhão, Harmonia e Amor. Vivendo em um mundo onde muitas vezes somos quase que obrigados a entrar em uma louca corrida atrás de sucesso, aprovação, ou até mesmo sobrevivência, vamos aos poucos nos desconectando com o que realmente importa: nossa Essência enquanto Seres Humanos, o que nos movimenta no Planeta. Mas que Essência seria essa? Chamo-a de Amor.

Mas o que seria esse tal de Amor? Seria o Amor uma emoção? Um sentimento? De qual Amor falamos aqui? Envergonhamo-nos, às vezes, ao falar de Amor, pelo caráter “não acadêmico” que circunda esse tema. Restringe-se o Amor às relações mais íntimas, tratando-o algumas vezes inclusive como tabu. Falar sobre Amor nos espaços escolares e relacionado com a educação soa então quase como uma utopia, pois o Amor é tido muitas vezes como algo distante. Confesso inclusive que durante o início da minha caminhada de reconexão com minha Essência, senti muitas vezes vergonha de falar sobre minhas ideias sobre o Amor e sobre minha confiança no poder de Cura dele. Mas por saber dos benefícios e da urgência de dialogarmos mais sobre, de vivenciarmos mais nossa Essência rumo à uma cultura de Paz, decidi seguir com a temática. Sigamos, então.

Planeta Terra, aqui estamos. Corpo, mente, espírito. Ser. Ser Humano. Em toda sua Beleza e complexidade. Vivemos em sociedade, em comunidade, em Relação. A vida é relacionamento. Há milhões de anos estamos aqui, convivendo uns com os outros – ou ao menos tentando. Durante todo esse tempo, tivemos que aprender a compartilhar e cooperar uns com os outros para que pudéssemos continuar existindo. Compartilhamos alimentos, aprendizados, afetos. Através da solidariedade, reconhecimento do Outro, entendimento, conseguimos chegar até aqui. Construimo-nos humanos pela cooperação, e não pela competição. Segundo o biólogo chileno Humberto Maturana (1999), criador da Teoria da Biologia do Amor e da Teoria do Conhecimento, o Amor é a emoção originária da Vida e elemento estrutural de nossa fisiologia humana, sendo um fundamento biológico do ser humano.

“A emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor. Sei que o que digo pode chocar, mas insisto, é o amor. Não estou falando com base no cristianismo. Se vocês me perdoam direi que, infelizmente, a palavra amor foi desvirtuada, e que a emoção que ela conota perdeu sua vitalidade, de tanto se dizer que o amor é algo especial e difícil. O amor é constitutivo da vida humana, mas não é nada especial. O amor é o fundamento do social, mas nem toda convivência é social. O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social. Por isso, digo que o amor é a emoção que funda o social. Sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social.” (MATURANA, 1999,p. 24)

Seguindo essa linha de raciocínio, podemos pensar que sem Amor não teríamos condições de criarmos vínculos, onde os sistemas sociais não poderiam ser formados e nossa evolução enquanto espécie estaria então comprometida (como está agora, em tempos de crises). Quando diz que nem toda convivência é social, Maturana nos traz a reflexão para as relações que são estabelecidas a partir do não Amor, onde o Outro é anulado. Esse tipo de relação não se constitui, portanto, enquanto um fenômeno social. O Amor se dá, então, enquanto característica biológica que nos permite, num primeiro momento, sobreviver, em um contexto de não competição. “A competição é um fenômeno cultural e humano, e não constitutivo do biológico.” (MATURANA, 1998, p. 13).

Nossa existência só faz sentido se for em relação. Por mais que não percebamos, estamos o tempo todo nos relacionando com tudo que está ao nosso redor. Pessoas, animais, ambientes, natureza, pensamentos. Estamos o tempo todo nos relacionando com nós mesmos, nossas emoções, percepções, sensações, nossa respiração. Dentro dessas relações, o Amor é o que possibilita que nos reconheçamos uns aos outros na caminhada, onde nos constituímos enquanto Seres Humanos. “O ser humano não vive só. A história da humanidade mostra que o amor está sempre associado à sobrevivência. Sobrevive na cooperação. Se a mãe não acolhe o bebê, ele perece. É o acolhimento que permite a existência.” (MATURANA, 2012, S.I.)

Assim, percebe-se primeiramente o Amor como forma de se relacionar com o Outro. O Amor nos possibilita aproximarmos-nos uns dos outros e compartilhar experiências, alimentos, aprendizados, afeto, cuidado. É o Amor que nos possibilita sobreviver e viver, posto que somos seres que existimos em sociedade e em relação uns com os Outros. E para que essa relação seja legitimamente social, precisa ser pautada pelo Amor e não pela anulação do Outro.

Partindo para uma compreensão mais ‘transcendental’ do que é o Amor, trago também para esse trabalho as contribuições do guru e psicólogo brasileiro Sri Prem Baba. Segundo Sri Prem Baba (2015),

“O amor desperto é um fluxo contínuo de compaixão; é quando podemos nos colocar no lugar do outro e sentir a dor dele; quando reconhecemos o potencial adormecido no outro e damos força para esse potencial se manifestar. É uma vontade sincera de ver o outro brilhar; de ver o outro feliz e satisfeito. É isso que eu chamo de “autêntico altruísmo”. A principal característica do amor desperto é a doação desinteressada. Assim como a flor espalha seu perfume e sua beleza gratuitamente; assim como o sol espalha o seu calor e a sua luz; assim como a chuva molha a terra, e a água mata a sede, a essência do ser humano ama.” (BABA 2015, p. 21)

Se observamos bebês interagindo entre si, podemos perceber que eles se abraçam, se beijam. Pode até ser que em algum momento aconteça algum desentendimento, mas se confiarmos, na maior parte do tempo eles se resolvem entre si, não guardam rancores ou ressentimentos. Isso é fluir do Amor. Essa é a Essência. O Amor, portanto, se constitui enquanto um estado inerente do Ser Humano, é o que buscamos nossa Vida toda e para onde

nos movemos. Só existimos porque o Amor existe. Relacionamo-nos e criamos convivências sociais porque o Amor possibilita então a percepção, cuidado e acolhimento, tanto nosso quanto do outro e de tudo que nos cerca. Nascermos em estado de Amor e acredito que a educação possa ser uma grande aliada para que esse estado perdure por toda nossa Vida, nos fazendo lembrar e conectar com o que realmente somos.

Se o que nos constitui enquanto seres humanos, se o que nos funda enquanto seres Viventes é o Amor, como negar ou não incentivar essa experiência às nossas crianças? Como negar a nós mesmos, crianças crescidas, a importância do Amor na construção das relações, em seus mais diversos níveis e maneiras? Se o amor é o que constitui as relações e o que possibilita a convivência e conseqüentemente possibilita que o fenômeno social ocorra, como conseguimos ignorar por tanto tempo assim a importância da percepção, reflexão, nutrir e experienciar do Amor? Como não perceber a importância do Amor e da Amorosidade no processo educacional escolar ou não escolar? Por que não ouvimos falar sobre emoções ou muito menos Amor em nossos bancos escolares? Se o que desejamos é construir uma nova sociedade, uma nova realidade para todos os Seres viventes, urge dialogarmos sobre Amor. Desde a educação infantil até os pós-doutorados.

“Num sentido estrito, nós seres humanos nos originamos no amor e somos dependentes dele. Na vida humana, a maior parte do sofrimento vem da negação do amor: os seres humanos somos filhos do amor.” (MATURANA, 1999, p. 25).

O Amor é essa força, esse estado de Ser que nos movimenta em direção ao Outro que não seja o Mesmo, e em direção a Nós. O Amor é o que possibilita as relações de Afeto, Respeito, Solidariedade e Compreensão para com tudo que existe e Vive, expressado através do Cuidado. O Amor é essa força de Cura que nos possibilita o reencontro com o que temos de melhor em Nós. Se só podemos oferecer aquilo que temos, só podemos dar Amor se amamos, só podemos transformar o mundo se nos transformamos a nós mesmos. Assim, percebo o Caminho do Coração, a (re) conexão com o Amor, como um Caminho para a Transformação Planetária, Construção de um Novo Mundo e, conseqüentemente, saída das crises.

“Precisamos ressignificar o Amor, de forma com que todos tenhamos nossos lugares e espaços no mundo, sem precisar mais de uma cultura de dominação, violência ou competição. Já podemos aprender, crescer e evoluir através de uma cultura de paz, de amorosidade, afeto e alegria. Já podemos saber e

aprender com nossas crianças a nos amarmos sem pressa, sem medos.” (Trecho retirado do meu Diário de Bordo construído a partir das minhas vivências no Centro de Desenvolvimento da Criança – CDC. Estrutural, junho de 2016).

“O Amor é o solvente universal para todos os conflitos e para todas as distinções. O Amor abre as dimensões do infinito.” (Sri Prem Baba)

2 – DO CUIDADO

“Cuidar do outro é zelar para que esta dialogação, esta ação de diálogo eu-tu, seja libertadora, sinérgica e construtora de aliança perene de paz e de amorização.” (BOFF, 2008, p.139)

O Cuidado é um tema muito presente nas áreas de Saúde, como Medicina e Enfermagem, representando inclusive a ética intrínseca a essas atividades, mas pouco difundido nas áreas educacionais. Porém urge que nos conectemos e nos beneficiemos também desse olhar, o qual configura-se enquanto um ser, estar e construir-se no mundo em relação conosco, com os espaços e com o Outro, posto que é também parte da nossa Essência enquanto seres humanos.

“Se não receber cuidado, desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, definha, perde sentido e morre. Se ao largo da vida não fizer com cuidado tudo o que empreender, acabará por prejudicar a si mesmo e por destruir o que estiver à sua volta. Por isso o cuidado deve ser entendido na linha da essência humana (que responde à pergunta: o que é ser humano?). O cuidado há de estar presente em tudo. Nas palavras de Martin Heidegger: “cuidado significa um fenômeno ontológico – existencial básico”. Traduzindo: um fenômeno que é a base possibilitadora da existência humana enquanto humana.” (BOFF, 2008, p. 34)

O Cuidado possibilita o pleno desenvolvimento humano, é sensível às pessoas e as acolhe em suas existências. Cuidar é também ensinar para a autonomia: de corpos e ações,

compartilhando caminhos com a autorresponsabilidade, o que configura-se enquanto um processo gradual. Cuidar de nossas crianças é possibilitar um reconhecimento e acolhimento das infâncias (e nosso também) dentro da realidade complexa que é o constituir-se enquanto ser humano, permitindo-lhes que elas desenvolvam-se integralmente na existência, conectadas ao mais íntimo de Si.

“Cuidar das coisas implica ter intimidade, senti-las dentro, acolhê-las, respeitá-las, dar-lhes sossego e repouso. Cuidar é entrar em sintonia com, auscultar-lhes o ritmo e afinar-se com ele. A razão analítico-instrumental abre caminho para a razão cordial, o *esprit de finesse*, o espírito da delicadeza, o sentimento profundo. A centralidade não é mais ocupada pelo *logos* razão, mas pelo *pathos* sentimento. (BOFF, 2008, p. 96)

Para Boff (2008), o Cuidado, para além de um simples ato, é uma atitude, “representa uma atitude de ocupação, preocupação, responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.” Configura-se então como um modo de ser que é essencial do ser humano, além de uma necessidade dentro das relações para que elas possam aflorar e desenvolver seus papéis mais elevados, fundamentando boas relações inter e intra pessoais, além do relacionamento com o próprio Planeta e com o Universo. Para Cuidar, é necessário se permitir sentir, estar sensível ao que existe à nossa volta. A partir dessa sensibilização conseguimos nutrir e cuidar de nós e dos Outros (compreendendo Outro enquanto tudo que está além de nós. Humanos, não humanos, Planeta, Cosmos).

“Mitos antigos e pensadores contemporâneos dos mais profundos nos ensinam que a essência humana não se encontra tanto na inteligência, na liberdade ou na criatividade, mas basicamente no cuidado. O cuidado é, na verdade, o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência. No cuidado se encontra o *ethos* fundamental humano. Quer dizer, no cuidado identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida humana um bem-viver e das ações um reto agir.” (BOFF, 2008, p. 11)

Hoje, ao escrever esse trabalho, percebo o quanto o Cuidado está intrínseco à minha atuação na existência, desde a minha infância até o meu trilhar profissional dentro do universo de curas holísticas. O Cuidar, que é o se preocupar com o outro e se disponibilizar para

acolhê-lo, nutri-lo, auxiliá-lo nos mais diversos momentos da existência. É o toque, o carinho, e também o respeitar dos limites do outro, quando assim for necessário. É também o saber se retirar. Cuidar é possibilitar que as cirandas da Vida continuem a girar, onde todos nos encontramos de mãos dadas, no reconhecimento de cada um que faz parte do círculo. O Cuidado nos possibilita irmos além de nossas dores, porque também nos ensina a acolhê-las.

Em tempos de crises, tal qual o atual, o paradigma do Cuidado se configura enquanto um novo jeito de co-habitar a Terra, impedindo que essas crises se acirrem e transformem-se em algo pior, posto que o Cuidado permite que estendamos as mãos uns aos outros, solidarizando-nos, no contra fluxo de uma ação de negação do Outro, de fechar o punho e lutar por sobrevivência. É um caminho que nos possibilita sair de um paradigma de escassez rumo a uma realidade de abundância, onde há para todos: alimento, saúde, afeto, respeito, calor, acolhida. Nos vemos, a partir do Cuidado, com olhar de irmãos, e não mais de inimigos. Com o Cuidado não há espaço para negação do que não sou eu, nem separação por qualquer tipo de preconceito. O que importa para o Cuidado é a vida que pulsa em cada ser, a vida que é frágil e forte ao mesmo tempo, que é potencial em Si. O Cuidado nos humaniza (ou seria ‘amoriza’?) perante a Existência

“Importa colocar cuidado em tudo. Para isso urge desenvolver a dimensão *anima* que está em nós. Isso significa: conceder direito de cidadania à nossa capacidade de sentir o outro, de ter compaixão com todos os seres que sofrem, humanos e não humanos, de obedecer mais à lógica do coração, da cordialidade e da gentileza do que à lógica da conquista e do uso utilitário das coisas.” (BOFF, 2008, p.102)

“Sonhamos com um mundo ainda por vir, onde não vamos mais precisar de aparelhos eletrônicos com seres virtuais para superar nossa solidão e realizar nossa essência humana de cuidado e de gentileza. Sonhamos com uma sociedade mundializada, na grande casa comum, a Terra, onde os valores estruturantes se construirão ao redor do cuidado com as pessoas, sobretudo com os diferentes culturalmente, com os penalizados pela natureza ou pela história, cuidado com os espoliados e excluídos, as crianças, os velhos, os moribundos, cuidado com as plantas, os animais, as paisagens queridas e especialmente cuidado com a nossa grande e generosa Mãe, a Terra. Sonhamos com o cuidado assumido como ethos fundamental do humano e como compaixão imprescindível para com todos os seres da criação.” (Leonardo Boff, em Saber Cuidar)

3 – INFÂNCIAS E UM NOVO OLHAR

“A infância
É a camada
Fértil da vida”

Nicolas Behr

Através de minhas experiências escolares e não escolares me deparei com o repensar as infâncias e a educação, as relações e as existências. Mas, por que repensar a Educação? Por que repensar o Ser e as infâncias?

As infâncias são a base da formação humana. Mas, como temos construído nossa relação com as infâncias ao longo da história e também ao longo de nossas vidas? Como temos percebido e lidado com nossas crianças? Como seres capazes de expressar suas necessidades, sentimentos, percepções; ou apenas como ‘tábulas rasas’ que precisam ser o tempo todo direcionadas em suas ações e pensamentos, sendo incapazes de falar por si, apenas absorvendo o que lhes é direcionado?

Etimologicamente a palavra ‘infância’ vem do latim *infantia*, onde *fan* = falante e *in* constitui uma negação do verbo. Assim, *infans* refere-se ao ser que ainda não é capaz de falar.

[...] a definição da palavra infância, oriunda do latim *infantia*, significa ‘incapacidade de falar’. Considerava-se que a criança, antes dos 7 anos de idade, não tinha condições de falar, de expressar seus pensamentos, seus sentimentos. Desde a sua gênese, a palavra infância carregava consigo o estigma da incapacidade, da incompletude perante os mais experientes, regulando-lhes uma condição subalterna diante dos membros adultos. Era um ser anônimo, sem um espaço determinado na sociedade. (CORDEIRO; COELHO, 2007 citado por KULLER, 2012, p. 3).

A construção sobre o termo infância vem se modificando de acordo com o período histórico e os fatos sociais vigentes. Já passamos por diversas fases: desde perceber a criança enquanto um adulto em miniatura, depois como uma tábula rasa, como também já a percebemos como um ser diferente do adulto. Mas foi apenas no século XX, segundo Ariès (apud Kuller, 2012), que as crianças passaram a ser vistas como seres de direitos e em desenvolvimento. E vale dizer que esse reconhecimento se deu para as camadas mais nobres da sociedade, ficando as crianças pobres à mercê do significado e sentimento de infância. Assim as preocupações com essa fase tão importante é algo que surge já na modernidade, e em algumas práticas sociais ainda trazemos um pouco dos resquícios de um passado em que as crianças eram praticamente ignoradas em suas subjetividades e individualidades. Por vezes negamos-lhes o direito de fala e expressão com secos e rudes *nãos* e limitações e exercemos o poder pelo poder. E quando as crianças exercem seu direito Divino de serem crianças, de

estarem despertas, vivas, conectadas com seus corações, as enquadramos em termos médicos e damos remédios. Tolhimos sua espontaneidade, assim como a nossa foi tolhida em busca de que nos ajustássemos a padrões, por mais que esses padrões possam ter ido contra a verdadeira expressão de quem somos ou podemos ser.

Levando em consideração esses apontamentos, como já citado anteriormente, para chegar no tema desse Ensaio e na compreensão da importância dele, passei por um despertar e uma reprogramação sobre as infâncias e sobre minha relação com as crianças. Caminhei para uma perspectiva mais amorosa, consciente e cuidadosa para com elas. Durante minha formação acadêmica pude vivenciar compreensões diferentes: vi crianças sendo silenciadas e de certa forma violentadas ao serem negadas de si mesmas e de suas espontaneidades, e também pude entrar em contato com olhares mais compassivos, compreensivos e cuidadosos ao lidar com as infâncias, colocando as crianças como centro do fazer educacional. Essas experiências, que se deram em espaços escolares tradicionais, não tradicionais e espaços não escolares, fizeram-me perceber o quão violentos nós adultos podemos ser, consciente ou inconscientemente, muitas vezes repetindo padrões educacionais que nos foram transmitidos de nossos ancestrais, como por exemplo a utilização de castigos e violências físicas ou verbais e humilhações, podendo assim podar potencial de criatividade e vida das crianças.

“Particpei durante uma semana de uma experiência de cuidado com crianças de 2 a 7 anos de idade na Casa Jatobá, localizada no Lago Norte, em Brasília. Essa experiência foi uma semente plantada que me permitiu e permite repensar a criança, a infância e a educação. Isso porque antes de começarmos a semana da Colônia de Férias, tivemos uma roda de conversa com algumas educadoras do espaço, onde foi estabelecido um diálogo sobre formas de cuidado e de se direcionar às crianças que estariam no espaço, formas essas que seguiam os ideais pedagógicos da Casa, tais como Pedagogia Waldorf e Montessori.

Fiquei impactada com as novas possibilidades que eram apresentadas, percepções que eu ainda não havia entrado em contato, mesmo com vários anos de graduação e algumas (poucas) vivências com crianças na bagagem. Entre as possibilidades, algumas me tocaram mais, como por exemplo: o educador se abaixar para falar com as crianças na altura delas, olhando nos olhos (o que depois fui descobrir que se chama

prática de escuta ativa), o que constrói confiança e interesse no que a criança está trazendo.

Outra proposta realizada foi a de pedir permissão para tocar o corpo da criança e perguntar se ela precisa de ajuda para se locomover ou fazer qualquer ação, antes de invadir o espaço que é dela. Para mim, essas são ações de não violência para com a criança e também de valorização e consideração dela, o que é de extrema importância dentro de um contexto educacional, seja ele escolar ou não escolar. É isso! O que me despertou o brilho nos olhos foi perceber que outra forma de relação é possível. Que a violência, por mais que se dê em contextos mínimos, não precisa estar presente na educação. E que a criança deve ser o centro dessa ação educacional.” (Trecho extraído do meu Diário de Bordo da minha experiência na Casa Jatobá, o qual considero como o início do meu despertar. Lago Norte, dezembro de 2015)

Foram as próprias crianças que despertaram minha percepção para a sensibilização perante o contato com elas, enxergando-as enquanto sujeitos de fala e direitos, sentimentos e vontades, indo ao contrário do que a própria etimologia da palavra infância traz, percebendo então que as crianças tem, sim, mensagens para nos comunicar, as quais devem ser ouvidas com respeito e consideração. O contato que tive com educadores e pais que se propunham a realizar uma educação mais plena, gentil e amorosa, considerando a criança enquanto um aprendiz da existência para com a qual dedicamos nossa atenção, carinho e amor, visando possibilitar um espaço de desenvolvimento e crescimento que seja ao mesmo tempo seguro e libertador, estimulando a autonomia e a autoconfiança em si e no mundo, também contribuiu para meu processo de sensibilização.

(...) “Fui muito bem recebida por todos e ganhei vários abraços. Me deixou muito tocada e sensibilizada o fato de as crianças nunca terem me visto antes e mesmo assim acolherem minha presença naquele espaço com tanto amor, alegria e confiança. Esse movimento de amorosidade foi o que me fez despertar para uma reflexão sobre a importância da afetividade e da amorosidade na educação e nas relações de todos nós, mas principalmente na de nossas crianças. Foi também o que me conectou com uma percepção sobre o tanto que temos a aprender com a infância e com as crianças, ainda mais com relação aos temas ligados à entrega, ao amor e à sensibilidade.”

(Trecho extraído do meu Diário de Bordo das visitas feitas ao CDC, elaborado durante o primeiro semestre de 2016. Estrutural, 31 de março de 2016)

Minha compreensão e percepção das infâncias e das crianças hoje, então, se fazem outra: mais sensível. Em convergência com a visão holística de ser e com a Pedagogia Waldorf (dentre outras perspectivas mais sensíveis perante as infâncias), a qual também se propõe um olhar para o ser como um todo, percebo as crianças enquanto um holos corporal, mental, social, cultural, ambiental e espiritual. Sendo assim, não é apenas um corpo físico, um campo vazio a ser preenchido com o que consideramos melhor, mas é um Ser Vivo em desenvolvimento, que traz consigo e cria sua bagagem de emoções, sentimentos, necessidades, afeto, e que co-cria sua compreensão de vida e de mundo mediada pelas relações com o Outro e com os espaços nos quais convive. As crianças, para mim, são a expressão pura do Amor, da entrega e da espontaneidade, e cabe a nós, adultos, cultivarmos e nutrirmos os cuidados devidos para que essa essência não se perca ao longo dos dias. Temos total responsabilidade sobre os cuidados e a educação que damos às nossas crianças, posto que o aprendizado, principalmente no primeiro setênio, dá-se muito através da observação e consequente imitação. Os primeiros sete anos de vida são extremamente importantes na formação e desenvolvimento do Ser, tendo reflexos por toda a Vida. Durante esse período existe uma grande transformação, tanto a nível físico quanto níveis mais sutis. Os órgãos do corpo da criança se formam em conjunto com a formação do sentimento básico a respeito do mundo.

[...] “Inconscientemente a criança imita o que percebe ao seu redor. Seu comportamento, seu modo de falar, suas maneiras à mesa, seus gestos, serão uma cópia dos modelos ao seu redor. O ambiente simplesmente a permeia. Um pouco mais tarde, a imitação se tornará mais consciente: a criança imitará a mãe ou a empregada em seus afazeres diários, brincar com seus colegas de vendedor, de médico ou de família, num impulso irresistível para imitar. O seu pequeno mundo baseia-se na identificação. Ela “é” o vendedor, o médico, a empregada, o animal.

É um crime destruir esse seu pequeno mundo por meio de comentários irônicos ou interrupções intempestivas. Os adultos tem que compreender que essa é a realidade em que a criança vive. Ela é incapaz de mentira, fingimento (a não ser que os adultos lhe tenham dado o exemplo). Se ela pega na feira um

fruto, um doce, não o faz para “roubar”, mas porque viu a mãe fazer compras; e quando inventa uma estória não o faz para mentir, pois ainda não distingue entre a realidade de sua imaginação e aquela do mundo. (LANZ, 1979, p. 42)

Dentro do primeiro setênio e por todo o restante da vida, é de extrema importância que as crianças contem com um desenvolvimento sadio, sendo acolhidas em suas necessidades básicas e também emocionais, tendo o suporte necessário para sentirem-se seguras e amparadas, e a auto-estima se configura enquanto fator essencial no aflorar de grandes capacidades, dando possibilidades assim para um grande agir no mundo. É uma necessidade das crianças sentirem-se apoiadas e incentivadas para que dessa forma seus dons, talentos e capacidades possam aflorar. Menos críticas negativas, falas de punição e mais construções positivas e possibilitantes.

Aos poucos compreendo então que a percepção do Outro enquanto um Ser dotado de valores intrínsecos, apenas pelo fato de ser um Ser Vivente, traz à luz da consciência as noções de cuidado e respeito, responsabilidade e amorosidade. Acredito que devemos e podemos dar ouvidos e atenção para as crianças e reconhecê-las enquanto seres que devem ter suas vozes escutadas da maneira mais amorosa e compreensível possível, onde dentro de uma relação de afetividade-amorosidade todos os envolvidos no processo de desenvolvimento das crianças possam se auxiliar, se perceber. Educadores, família, crianças, em comunidade. Todos somos responsáveis pelo cuidado que disponibilizamos às infâncias, assim como todos somos responsáveis pela construção de uma sociedade melhor. Devemos dar continente para que as crianças estejam seguras e sintam-se ouvidas, acolhidas e cuidadas, consideradas com importância dentro das relações que estabelecemos de aprendizado mútuo.

Assim como nós, adultos, merecemos e queremos ser respeitados em nossas escolhas, visões e perspectivas, nada mais injusto ou violento do que negar esses direitos às crianças, por considerá-las como ‘incapazes’, por exemplo. A violência, longe de ser apenas física, também se dá pelo silenciamento da expressão verdadeira do Ser, afastando-o de sua espontaneidade. A nenhuma criança deve ser tirado o direito à sua voz, à expressão de seu Ser. Às infâncias deve ser dado o direito de serem ouvidas, para que assim também possam se ouvir e constituírem-se na escuta de Si e do Outro. Toda criança e todo ser humano tem por direito Divino manifestar seu Ser real, seus dons e talentos para a construção de um mundo mais fraterno, alegre e amoroso.

Para o constante florescer da capacidade de Amar é preciso também a experiência da aceitação, do cuidado, do prazer e do carinho, e as crianças passarão por essas experiências ao entrar em contato com os adultos que cuidem delas. Por isso a importância de um ambiente e relações que permitam as crianças sentirem-se seguras dentro de suas vulnerabilidades, dentro desse todo complexo que é ser criança, em descoberta de Si, do Outro, do Mundo e do Universo, onde sua existência seja pautada a partir de experiências amorosas e elas possam também reconhecerem-se enquanto um Ser de valor, vontade e Amor, de forma com que possam agir no mundo mais conectadas com sua Essências, sem medos.

“O mundo é bom” – eis o julgamento que toda criança em idade pré-escolar deveria gritar, alegre e jubilante, cem vezes por dia... se fosse capaz de emitir julgamentos abstratos. Mas a sensação contida nessas palavras deveria permeá-la, inconscientemente, e constituir-lhe um sentimento quase religioso. (LANZ, 1979, p. 43)

“É impossível se desenvolver neste plano sem traumas. Porque, para o próprio bem da criança, os pais precisam colocar limites. A questão é a forma como os limites são colocados. Se for com amor e consciência, a criança vive uma dor momentânea, mas não sofre um trauma capaz de impedir a reunificação mais tarde. Quando os limites são colocados com estupidez e violência, um trauma profundo pode ser criado. No entanto, não existem culpados. Muitos traumas são transmitidos de geração em geração, porque os pais, quando crianças, também sofreram repressão. Essa pode ser uma cadeia de ação e reação que se perde no horizonte do passado.” (BABA, 2015, p. 27)

4 – INFÂNCIAS E EDUCAÇÃO: POR QUE O AMOR E O CUIDADO SÃO IMPRESCINDÍVEIS?

“Obviamente, a educação tem um papel fundamental na formação da personalidade infantil e também no processo de expansão da consciência humana. Através da educação, é possível facilitar ou dificultar esse processo. (...) Na minha visão, somente através da educação nós poderemos fomentar a transformação necessária para salvar nosso planeta, que se encontra em processo de degradação. Mas para que uma mudança significativa aconteça no mundo, precisamos realizar

uma grande reforma na educação, e essa reforma começa por nós, adultos.” Sri Prem Baba, Propósito, p. 26

Para que serve a educação? Como perguntaria Maturana (1999, p. 12) “O que queremos da educação?” Que humanidade queremos? Que tipo de relações buscamos? Relações essas com nós mesmos, com o outro e com o Planeta? E de que forma construir essas Relações da melhor e mais elevada maneira, possibilitando um mundo de Solidariedade, Respeito, Compromisso, Ética, Verdade, uma Cultura de Paz?

A educação, segundo o artigo 205 da Constituição Federal, “visa ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” O texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seu artigo 2º afirma os mesmos objetivos, acrescentando ainda que a educação “deve ser inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana.” Porém, o que pode-se constatar, ao olharmos e analisarmos as salas de aula, não se assemelha ao que é tido como ideal segundo as leis citadas.

Deparamo-nos com uma educação que é, em sua maior parte, voltada à qualificação para o mercado de trabalho, para o desenvolvimento de capacidades cognitivas, deixando de lado valores humanitários e esforços que garantam o pleno desenvolvimento da pessoa, esquecendo-se também das complexas questões concernentes ao Ser humano e ao processo de desenvolvimento desse. Educa-se para a competição, para o desamor, para a negação das emoções. Educamos para o mercado de trabalho, para a vida profissional, como se máquinas fossemos e como se a vida profissional fosse um fim em si mesma. À escola e ao fazer educacional delegamos apenas o desenvolvimento intelectual, onde o hemisfério cerebral esquerdo predomina sobre a intuição, as emoções e a criatividade do lado direito do cérebro, por exemplo. Assim, constrói-se uma percepção e visão de mundo e de existência unilateral, deixando de lado as emoções e os sentimentos, também constituintes do nosso Ser. A educação muitas vezes está permeada de uma des-sensibilização perante à Vida e perante o Outro, posto que retiramos de nossas crianças o direito de serem quem elas são, num processo de negação de suas vontades, ideais, percepções. Silenciamos e rompemos a essência do Ser.

(...) “No momento em que uma pessoa se torna estudante para entrar na competição profissional, ela faz de sua vida estudantil um processo de preparação para participar num âmbito de interações que se define pela negação do outro, sob o

eufemismo: mercado da livre e sadia competição. A competição não é nem pode ser sadia, porque se constitui na negação do outro.” (MATURANA, 1999, p. 13)

Através da desconexão com o Amor e com o Sentir e da conexão com o medo, automatizamos nossos seres, emoções, sentimentos e nossas relações (conosco e com os outros). Vamos perdendo aos poucos a sensibilidade perante às Vidas e vamos nos pautando na existência através da ilusão que estamos separados uns dos outros, criando a ideia e a crença de que é ‘preciso se defender daquilo que não sou eu’.

Educar com Amor e Cuidado vem no contra-fluxo disso, porque ao propormo-nos educar através do Amor e com Amor, possibilitamos espaços para sermos pessoas melhores. Quando decidimos ouvir, reconhecer, auxiliar verdadeira e gentilmente as crianças em seus processos de desenvolvimento e crescimento, podemos também levar esses aprendizados para outras relações, o que configura inclusive um processo de autoconhecimento. Quando nos permitimos trilhar um caminho educacional com Amor e Cuidado, começamos a nos perceber mais em nossos desafios e grandezas, reconhecemos nossas dores, sentimentos e emoções, e aprendemos a acolhe-las e identificá-las, tal como fazemos com os pequenos. A partir de uma concepção educacional que se faz Holística e Amorosa, não existe separação entre quem educa e quem aprende, somos todos aprendentes dentro das relações que se estabelecem.

“Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 1996, p.12)

Educadores e educandos são Um com o Todo. Educadores e educandos ensinam-se mutuamente. Percebo, a partir das minhas vivências, o quanto pude e posso aprender com as crianças.

A forma como estruturamos nossa relação com as outras pessoas, a partir do Amor ou a partir da violência/rejeição influencia diretamente o Outro. Ao violentarmos o próximo estamos negando sua própria existência. Eis aqui uma das razões de se educar para o Amor, pelo Amor, com Amor. O Amor abre portais que permitem e possibilitam um campo de relação em harmonia e gentileza. Permite que a importância de todas as Vidas seja reconhecida e ancora a compaixão e a percepção dos limites (nossos e dos outros). Esse potencial ilimitado de amar está presente em todos nós, porém as crianças são seres mais

sensíveis e que estão mais conectadas a esse estado. Cabe a nós, enquanto adultos, nos permitirmos também experimentar as possibilidades que se abrem e sermos canais que ancorem a expansão ao invés do retraimento e a acolhida e generosidade ao invés da competição e do desamor. As crianças são nossas grandes e talvez maiores mestras na arte da autenticidade, da generosidade, da confiança na Vida. Basta um olhar mais sensível e um movimento de entrega para perceber. Que melhores mestres poderíamos ter para nos ensinar sobre a espontaneidade do Amor e da entrega, se não as Crianças? O que são as crianças se não o puro Amor em movimento?

A educação com base no Amor e no Cuidado é, portanto, uma educação que faz uma saída dos velhos para os novos paradigmas. Da competição para a cooperação, do medo para o Amor, da escassez para abundância (de saberes, alegrias, vivências), das disputas por poder para o reconhecimento do Outro enquanto um Outro legítimo. Para a sensibilidade, o se permitir nutrir dentro das relações, reconhecendo o Outro enquanto legítimo Outro. Assim nossos melhores potenciais enquanto seres humanos podem ser despertados e colocados em movimento na roda da Vida, e o fazer educacional se faz como uma grande e excelente ferramenta que auxilia no grande aprendizado que são o Viver e o Viver em comunidade. Nos conectamos então com uma educação que é integral, que busca não apenas o despertar de nossas capacidades cognitivas, mas também nos ensina a viver de uma forma mais íntegra no mundo e com o mundo, com mais autonomia e respeito.

Educar com Amor, para o Amor e pelo Amor é possibilitar o reconhecimento de nossas crianças enquanto Seres que merecem e devem ser ouvidos, amados, acolhidos e amparados em suas existências. É educar para o desenvolvimento pleno do Ser. É educar para uma cultura de Paz, Solidariedade, Compreensão, Beleza. É educar para a desmotivação das relações, caminhando rumo às relações conscientes e presentes. Olhar com Amor para uma criança ou para uma criança crescida, é olhar todo o infinito de possibilidades que ela carrega consigo, enxergando para além dos olhos e com os olhos dela: Imensidão.

Porém, para que falemos de Amor e vivamos com Amor dentro de um contexto educacional, dentro ou fora da sala de aula, é preciso que a pessoa adulta responsável pelo Cuidado com as crianças também tenha passado por uma reflexão sobre o que é o Amor, revisitando lugares em si que sejam de amorosidade, espontaneidade, alegria, afeto. Pode ser também que a necessidade de deixar algumas concepções e experiências para trás se faça necessária para que o novo chegue. Minhas experiências educacionais, nos seus mais variados

espaços, levaram-me à reflexões sobre a importância do ouvir e respeitar as crianças pelo simples fato delas serem seres vivos que necessitam da energia de Amor para construir-se e consolidarem-se de maneira mais elevada no Planeta. Com isso percebi que eu deveria abrir mão da forma como fui educada e também de ferramentas ultrapassadas que grande parte de nós vivenciamos em seus mais variados graus, tais como palmadas, submissão a situações vexatórias, silenciamento de emoções, gritos, castigos físicos, etc, por perceber que essas abordagens não contemplariam o que almejo enquanto fazer educacional: acolhimento, diálogo, inclusão das crianças na dinâmica familiar e consideração do que essa criança tem para dizer, reconhecimento, afeto, confiança e amor.

(...)”Portanto, temos um grande desafio pela frente. Precisamos curar nossas mazelas para que possamos educar nossos filhos adequadamente. Porque, se continuarmos agindo com base nos nossos traumas do passado, permaneceremos sabotando o desenvolvimento das nossas crianças e desviando-as do seu caminho natural, do seu propósito de vida. Isso será possível somente se estivermos dispostos a assumir nossa responsabilidade e a conhecer a nós mesmos. Porque, na medida em que nos conhecemos, vamos nos libertando de nossas crenças limitantes e da ideia de que somos vítimas e nos tornando capazes de apoiar o desenvolvimento sustentável da personalidade infantil, o que implica em não projetar nossas misérias nas crianças e dar força para que sua visão e sua sabedoria sejam reveladas para o mundo.” (BABA, 2013, p. 26)

Enquanto adultos devemos ter também um compromisso para com nossas questões emocionais e nos trabalharmos, tendo consciência de que somos exemplos de atitudes, emoções, sentimentos para nossas crianças e que a percepção delas sobre o mundo se dá mediada nossa presença.

“Em primeiro lugar, será preciso promover uma evolução da consciência de pais e educadores, porque a criança aprende através do exemplo. Não adianta declamar um manual para a criança se você não vive daquela maneira. Ela aprende a partir do que você faz, não do que você diz. Você não precisa ser perfeito para realizar esse trabalho, mas é preciso que tenha desenvolvido um tanto de integridade, de autoconsciência de suas vulnerabilidades. É preciso ter clareza sobre a direção em que você está colocando suas intenções, ainda que de vez em quando você se perca.” (BABA, 2013, p. 120)

O Amor e o Cuidado perpassam por esse caminho de reconhecimento, auto-aceitação e acolhimento de Si, em nossa sombra e luz, desafios e potencialidades. Sem nos reconhecermos, amarmos, aceitarmos e acolhermos, não temos parâmetros para construir isso com relação ao Outro. O caminho do Amor é também o caminho do Amor de Si, que anda em conjunto com o Amor com e pelo Outro, não sendo, portanto, egoísta. Aceitar-se e acolher-se na existência é aceitar e acolher o Outro. Reconhecendo-me, posso reconhecer o Outro. Se sou reconhecido, me reconheço. Ao me reconhecer, com Amor, posso reconhecer o Outro que me possibilita e me ajuda a me constituir enquanto Ser-Outro também. Dessa forma, a educação que tem por base o Amor e o Cuidado, é uma educação que também facilita o autoconhecimento.

Em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, Freire (1996) anuncia a autonomia mediante a liberdade, o respeito e o diálogo, como capazes de promoverem e instaurarem a ética universal do ser humano. Eis que para o desenvolvimento dessa autonomia, faz-se necessário que os seres conheçam-se a si mesmos, deparem-se com suas próprias capacidades físicas, aptidões, desejos, memória, potencialidades, dificuldades, para que assim possa evoluir para o conhecimento do outro, na busca por um desenvolvimento que é dialético, respeitoso, solidário e amoroso.

Considerar as crianças em suas subjetividades e individualidades tem sido uma preocupação minha nos espaços de convivências com elas. Ao longo dessas experiências venho transformando aos poucos minha forma de me direcionar a elas, às vezes até com atos que podem ser considerados simples, mas que podem ter um impacto positivo muito significativo em nosso processo de formação, como por exemplo me abaixar para conversar, olhando no olho, acolhendo aquele pequeno ser habitado por emoções, ideias, vontades, sim e não. Dar continente para que as crianças sintam-se seguras e ouvidas, sejam consideradas com importância dentro das relações que estabelecemos de aprendizado mútuo, isso também é educar por e com Amor. Atitudes simples, pequenas, mas que podem reverberar de uma maneira muito grandiosa em quem se sente percebido, acolhido e visto. Para o florescimento e constante lembrar da capacidade de Amar é preciso também a experiência da aceitação, do cuidado, do prazer, do carinho, e a criança passará por essas experiências ao entrar em contato com o adulto que cuide dela, onde sua existência seja pautada a partir de experiências amorosas e de reconhecimento.

A educação, enquanto fenômeno social, deve ser também fundada no Amor e no Cuidado, senão, deixa de ser social. Enquanto campo de relações, necessita do Amor, necessita desse reconhecimento do Outro para se consolidar e fazer sentido.

“Imaginemos que hoje despertamos e notamos que o mundo mudou. Que já não é como no dia anterior. Imaginemos que é um mundo saudável, integrado, transformado por uma educação de amor. Imaginemos a sensação que isto nos proporciona.” Juan Casassus, prefácio do livro Mudar a Educação para Mudar o Mundo, de Cláudio Naranjo

“Trata-se de uma grande mudança. Imagine a economia sendo movida pelo amor, e não pelo medo. Parece loucura, não? E no entanto é para isto que estamos aqui. É a isso que viemos servir: ao amor, não ao ódio ou ao medo.” (Sri Prem Baba, do livro Transformando o Sofrimento em alegria – p. 122)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Ensaio foi realizado a partir do desejo em fazer uma reflexão sobre a importância do Amor e do Cuidado dentro dos processos educacionais, sejam esses formais ou não, escolares ou não escolares. Dessa forma, o objetivo da pesquisa teve a seguinte questão norteadora: Como o amor e o cuidado possibilitam as bases para uma educação potencializadora do Ser integral em todas as suas dimensões?

Percebo como sendo de grande importância abordarmos a temática do Amor e Cuidado e demais temas correlacionados em espaços educacionais, principalmente se desejamos que a Educação cumpra com um de seus papéis, que é o “pleno desenvolvimento da pessoa”, de acordo com o texto de nossa presente Constituição Federal, em seu artigo 205. Considerando que somos um todo complexo corporal, mental, social, cultural, ambiental e também espiritual, como defende a visão Holística, paradigma emergente em nossa sociedade ainda tão influenciada pelo ideário da separação e dualismo, não há mais espaço para que as questões concernentes aos aspectos de desenvolvimento emocional, espiritual e psicológico do Ser fiquem de fora da construção educacional.

Nesse nosso tempo de crise civilizatória, a Educação – seja ela escolar ou não escolar – se configura enquanto uma Esperança. Apenas através da reEducação de Si e da reconexão consigo podemos despertar para novas possibilidades de existência na Terra e com a Terra. Urge pensarmos e fazermos uma nova Educação, uma Educação que integre razão e emoção, que permita-nos uma reconexão com nossa Essência e assim nos possibilite desenvolvermo-nos com Plenitude. Uma Educação que nos ensine a fazer, mas que também nos possibilite Sentir e Ser, através do aprendizado que é a vivência com o Outro, para assim, desenvolvermo-nos em Sabedoria. Urge pensarmos na importância do Amor e do Cuidado de Si e do Outro.

Educar para o Amor. Para mantermos acesa em nós a chama que possibilita o encantamento constante perante à Vida, os Outros, ao Mundo. Para que nos mantenhamos conectados com a Confiança e a Espontaneidade de nossas crianças interiores, a criança que fomos e somos. Para que nos possibilitemos auxiliar nossas crianças a permanecerem conectadas com o que há de Amor nelas, se constituindo assim enquanto Seres de uma forma mais plena, sem medos e limitações, posto que somos todo o Infinito em ação.

“Não basta o conhecimento. Precisamos de consciência: uma nova mente e um novo coração. Precisamos também de uma nova prática. Urge nos reinventar como humanos, no sentido de inaugurar uma nova forma de habitar o planeta com outro tipo de civilização. Como dizia muito bem Hannah Arendt: “podemos nos informar a vida inteira sem nunca nos educar”. Hoje temos que nos reeducar e no reinventar como humanos.”

(Leonardo Boff, 2015)

PARTE 3. PERSPECTIVAS FUTURAS

Após alguns anos e muitas experiências para além da Universidade, concluir o curso de graduação está sendo uma das etapas mais importantes na minha vida acadêmica. A finalização desse ciclo vem como um abençoar da abertura de novos portais e caminhos. Hoje entendo que tudo está dentro do seu tempo divino e certo de acontecer, e que as coisas tinham que ter acontecido da forma como aconteceram para que eu pudesse ter mais clareza e entendimento sobre minha pessoa, minhas convicções, minhas emoções e meus objetivos.

Concluo o curso com o objetivo de continuar estudando sobre educação, terapias integrativas do Ser, autoconhecimento e com desejo e vontade de fazer uma pós-graduação em Ecopsicologia. A finalização desse processo também vem com a abertura de um novo portal na minha caminhada e a realização de um sonho: o início da minha formação em quanto Consteladora Familiar, continuando minha trajetória de amor e cuidado a serviço do Planeta e das pessoas. Minha escolha e atuação profissional atualmente, a qual é pautada pelo meu coração se dá atuando enquanto curadora holística e integrativa, mas pode ser que em um futuro (breve ou mais distante), os caminhos entre as terapias e a educação se cruzem. Compreendo que a Vida é essa eterna dança e que ainda há muito que se aprender sobre o âmbito da Educação, das Curas, do Viver.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BOFF, Leonardo. Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. 14. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. Cuidar da Terra, proteger a vida: como evitar o fim do mundo. Rio de Janeiro: Record, 2010.

BRASIL. Constituição Federal (1998). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1998.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

CORDEIRO, Sandro da Silva; COELHO, Maria das Graças Pinto. Descortinando o conceito de infância na história: do passado à contemporaneidade. Junho. 2007. Disponível em: http://www.tjpe.jus.br/documents/72348/120032/CORDEIRO_COELHO_Descortinando+o+conceito+de+inf%C3%A2ncia.pdf/4c0e5920-53c5-4766-a8ef-15b451c5e6be?version=1.0.

DELORS, J. et al. Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. 10. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2006.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

KULLER, J. A. B. Infância: discutindo o termo pelo viés da história. 2012. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/files/H43ASEPS.pdf. Acesso em 25/06/2017

LANZ, R. A Pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano. São Paulo: Summus, 1979.

MATURANA, Humberto. Emoções e Linguagem na educação e na política. Tradução: José Fernando Campos Fortes. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____. Entrevista à Revista Bons Fluidos, edição 160 – julho/2012. Disponível em <http://casa.abril.com.br/materia/entrevista-humberto-maturana-e-a-importancia-do-amor>. Acesso em: 24 de set. 2016

MORIN. Edgar. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. 12º ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007

NARANJO, Cláudio. Mudar a educação para mudar o mundo. 2ª Ed. Brasília: Verbena Editora, 2015.

PREM BABA, Sri. Amar e ser livre. 1. ed. - Rio de Janeiro: HarperCollins, 2017.

_____. Propósito. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

_____. Transformando o sofrimento em alegria. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.